



Revista Educação e (Trans)formação
Journal Education and (Trans)formation

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

RELAÇÕES ENTRE TRABALHO, EDUCAÇÃO ESCOLAR E FUNÇÃO DOCENTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Érica Fernanda Moreira Dias
ericafmd@gmail.com

Josiane Peres Gonçalves
josianeperes7@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar breves reflexões a respeito da função docente, partindo do pressuposto do trabalho como base fundamental para desenvolvimento humano, emergindo dele a educação, como meio de passar de geração em geração o conhecimento acumulado. O referencial teórico baseia-se nos estudos de Leontiev (1978), Lukács (2009), Marsiglia e Martins (2018), Rossi et al. (2020), Saviani (2007) e Saviani (2012). A metodologia utilizada é uma pesquisa bibliográfica para refletir sobre a função docente e abordar desde a origem do trabalho como base fundamental até o papel da educação escolar na atualidade. As leituras vislumbram um percurso que se inicia com a importância do trabalho como base fundamental do desenvolvimento humano, observando que foi em decorrência das necessidades das pessoas que as técnicas e as estratégias de trabalho foram se desenvolvendo e aperfeiçoando, vindo a necessidade de se transferir de geração em geração os conhecimentos adquiridos, o que deu origem a educação e mais tarde a educação escolar. Percebe-se que na atualidade, devido as preocupações didáticas impostas aos docentes, eles não têm conseguido transmitir o máximo de conhecimento possível ao aluno, sendo que os mesmos se perdem em meio a organização atual da educação e currículos vazios.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Educação Escolar.

RELATIONSHIPS BETWEEN WORK, SCHOOL EDUCATION AND TEACHING FUNCTION: SOME CONSIDERATIONS

ABSTRACT

This work aims to make brief reflections about the teaching role, based on the assumption of work as a fundamental basis for human development, emerging from it education, as a means of passing accumulated knowledge from generation to generation. The theoretical framework is based on studies by Leontiev (1978), Lukács (2009), Marsiglia and Martins (2018), Rossi et al. (2020), Saviani (2007) and Saviani (2012). The methodology used is a bibliographical research to reflect on the teaching role and approach from the origin of work as a fundamental basis to the role of school education today. The readings envision a path that begins with the importance of work as a fundamental basis for human development, noting that it was as a result

of people's needs that the techniques and work strategies were developed and perfected, seeing the need to transfer from generation to generation the acquired knowledge, which gave rise to education and later to school education. It is noticed that nowadays, due to didactic concerns imposed on teachers, they have not been able to transmit as much knowledge as possible to the student, and they are lost in the midst of the current organization of education and empty curricula.

Keywords: Educational function; Teaching work; Schooling.

Introdução

O presente estudo bibliográfico discute sobre a origem do trabalho como base fundamental para a vida da humanidade, sendo este um fator preponderante, para que houvesse no decorrer dos tempos o desenvolvimento de bens materiais e técnicas de aperfeiçoamento da produção de itens para satisfazer as necessidades humanas. Nesta perspectiva, este aperfeiçoamento produziu um acúmulo de conhecimentos elaborados por diversas gerações humanas, conhecimentos estes que precisavam ser transmitidos aos novos indivíduos, ampliando assim as riquezas culturais.

Esse processo deu origem a educação, o ato de transmitir conhecimento de uma geração para outra, o que mais tarde evoluiu para o que temos hoje como educação escolar, porém esta última se desvirtuou de suas origens, quando separou o trabalho da educação, destinando um tipo de educação voltada a criação de mão de obra para os trabalhadores e outra mais intelectualizada para a classe privilegiada.

A metodologia escolhida por esta pesquisa foi a bibliográfica de caráter exploratória, realizada por meio de um levantamento de referencial teórico que visa refletir sobre a origem do trabalho, o aparecimento da educação, no sentido de aperfeiçoamento deste trabalho, com ênfase para a função docente neste contexto.

Dessa forma, discute-se inicialmente sobre a origem do trabalho, o qual nasce da necessidade humana de sobreviver, mas com o tempo as pessoas passam experienciar uma satisfação pessoal na sua função, no sentido de haver uma competitividade entre os trabalhadores, fator que altera como o trabalho é visto socialmente.

Essa pesquisa está organizada com as seguintes discussões: o aperfeiçoamento do trabalho como uma forma de conceder uma maior satisfação humana, pois ao modificar a forma de trabalho, aperfeiçoando suas técnicas, se amplia, inclusive, os meios de se transferir o conhecimento da produção para as gerações seguintes e, nesse sentido, a linguagem tem uma importância fundamental.

Posteriormente, se destaca, nesse cenário, sobre o surgimento da educação (não de modo formal) com o ofício, sendo passado de geração em geração e, então, é enaltecido o trabalho como base fundamental da vida humana e do surgimento da educação.

Por fim, destaca-se que com o surgimento da educação de modo não formal, ouve sua ampliação para a educação formal, que inicialmente surgiu para atender a classe mais abastada, com uma educação culta e intelectualizada. Dessa forma, foi pensada a função docente, para desempenhar com maior qualidade a educação formal, porém em seu início, essa função docente estava atrelada às intenções da sociedade na qual era realizada.

Em suma, vislumbramos o percurso entre o trabalho como mantedor da vida e do desenvolvimento humano, e que, devido a busca de satisfação das necessidades humanas, o trabalho exerceu influência no surgimento da educação informal e depois formal ou educação escolar. Nesse cenário, refletimos sobre a atribuição docente, que foi deslocada de sua função primeira, pois teve que se adequar às exigências impostas pela sociedade, devido às exigências do mundo do trabalho.

Metodologia

Primeiramente ao nos propormos a realizar uma pesquisa procuramos observar qual seria o melhor método, com base em nosso objetivo, para tanto nos baseamos nos estudos de Antonio Carlos Gil (2002) sobre a construção de pesquisas.

Quanto ao tipo de pesquisa observamos os três tipos propostos pelo autor: exploratórios, descritivas e explicativas. Entre estes escolhemos aquele que contemplasse nossa pesquisa, sendo eleita a pesquisa exploratória, pois dentro do que buscávamos a mesma nos conferiu ferramentas necessárias.

Observando ser o tipo exploratório de pesquisa o mais adequado para a realização da pesquisa bibliográfica, forma de análise de dados escolhida pelas autoras, pois “Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso” (GIL, 2002, p. 41).

A pesquisa bibliográfica foi escolhida, por observar que “A Pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2002, p. 44)”. Assim buscou-se observar o peso da função docente por meio da análise de escritos sobre a temática, destacando que

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muitos dispersos pelo espaço (GIL, 2002, p. 44).

Desse modo, a pesquisa volta-se à análise bibliográfica por imaginar ser uma forma coerente de reunir discursos diversos sobre a origem do trabalho, a necessidade da educação no seio do trabalho e sua transformação e especialização no decorrer do tempo, sendo possível, assim, observar os paradigmas que envolvem a função docente na atualidade diante de sua origem através de diferentes momentos.

A origem do trabalho

Inicialmente, ao pensar na função social do docente no momento atual, temos que refletir sobre a origem do trabalho enquanto meio para o desenvolvimento pleno do ser humano e assim vamos pensar sobre o que Georg Lukács (2009) relata em seus escritos, sobre a constituição do trabalho e sobre a importância da reprodução para o desenvolvimento do trabalho.

Para que possa nascer o trabalho, enquanto base dinâmico-estruturante de um novo tipo de ser, é indispensável um determinado grau de desenvolvimento do processo de reprodução orgânica. Também aqui teremos de deixar de lado os numerosos casos de capacidade de trabalhar que se mantêm como pura capacidade; tampouco podemos nos deter nas situações de beco sem saída, nas quais surge não apenas um certo tipo de trabalho, mas inclusive a consequência necessária do seu desenvolvimento, a divisão do trabalho (abelha etc.), situações porém em que essa divisão do trabalho - enquanto se fixa como diferenciação biológica dos exemplares da espécie - não consegue se tornar princípio de desenvolvimento posterior no sentido de um ser de novo tipo, mantendo-se ao contrário como o estágio estabilizado, ou seja, como um beco sem saída no desenvolvimento. (LUKÁCS, 2009, p. 4 -5)

Nesse sentido, para conjecturar sobre a essência do trabalho enquanto base é necessário observar seu potencial de reprodução, devemos observar que “A essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência” (LUKÁCS, 2009, p. 6).

Há algo relacionado ao trabalho que é intrinsecamente interessante, pois “o trabalho torna-se não simplesmente um fato no qual se expressa a nova peculiaridade do ser social, mas, ao contrário - precisamente no plano ontológico -, converte-se no modelo da nova forma do ser

em seu conjunto” (LUKÁCS, 2009, p. 6). Evidencia-se que há um processo de transformação paralelo que ocorre tanto no indivíduo por meio do trabalho quanto no trabalho por influência do indivíduo o que transforma o indivíduo em seu papel enquanto ser social.

Com justa razão se pode designar o homem que trabalha, ou seja, o animal tornado homem através do trabalho, como um ser que dá respostas. Com efeito, é inegável que toda atividade laborativa surge como solução de resposta ao carecimento que a provoca. Todavia, o núcleo da questão se perderia caso se tomasse aqui como pressuposto uma relação imediata. Ao contrário, o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que - paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente - ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas [...] Tão somente o carecimento material, enquanto motor do processo de reprodução individual ou social, põe efetivamente em movimento o complexo do trabalho; e todas as mediações existem ontologicamente apenas em função da sua satisfação. (LUKÁCS, 2009, p. 5-6).

É possível perceber que o ser humano, a partir das suas necessidades, acaba por movimentar todo o processo do trabalho em busca de satisfação, “O que não desmente o fato de que tal satisfação só possa ter lugar com a ajuda de uma cadeia de mediações, as quais transformam ininterruptamente tanto a natureza que circunda a sociedade, quanto os homens que nela atuam, as suas relações recíprocas etc.” (LUKÁCS, 2009, p. 6).

Pensar neste movimento em que o trabalho se origina de necessidades e que o seu maior desenvolvimento se dá no sentido de uma satisfação, nos leva a refletir sobre quais as diversas necessidades de uma sociedade e se é possível saciar tão diversas aspirações presentes neste espaço. Nessa perspectiva, podemos refletir sobre o momento de “aperfeiçoamento do trabalho”.

Talvez a mais importante dessas diferenciações seja a crescente autonomização das atividades preparatórias, ou seja, a separação - sempre relativa - que, no próprio trabalho concreto, tem lugar entre o conhecimento, por um lado, e, por outro, as finalidades e os meios. A matemática, a geometria, a física, a química etc., eram originariamente partes, momentos desse processo preparatório do trabalho. Pouco a pouco, elas cresceram até se tornarem campos autônomos de conhecimento, sem porém perderem inteiramente essa respectiva função originária. Quanto mais universais e autônomas se tornam essas ciências, tanto mais universal e perfeito torna-se por sua vez o trabalho; quanto mais elas crescem, se intensificam etc., tanto maior se torna a influência dos conhecimentos assim obtidos sobre as finalidades e os meios de efetivação do trabalho. (LUKÁCS, 2009, p. 10).

Desse modo, ao pensar no aperfeiçoamento do trabalho, podemos ver nascer conhecimentos diversos que de fato fazem parte do momento preparatório ao trabalho, o que nos faz vislumbrar sobre o conhecimento e a ciência existentes na atualidade e qual o tipo de causa (necessidade ou carência), lhes proporcionou sua criação.

O processo de aperfeiçoamento

Pensar no ser humano e em sua evolução durante a história nos solicita que realizemos uma reflexão sobre o passado humano e como este se desenvolveu biológica e socio-historicamente, para tanto é interessante trazer à baila o autor Alexis Leontiev (1978), que em seus escritos sobre “O homem e a cultura” faz uma análise sobre a evolução da pessoa humana levando em conta o desenvolvimento da produção, como é ressaltado abaixo:

Assim se desenvolvia o homem, tornado sujeito do processo social de trabalho, sob a ação de duas espécies de leis: em primeiro lugar, as leis biológicas, em virtude das quais os seus órgãos se adaptaram às condições e às necessidades da produção; em segundo lugar, às leis sócio-históricas que regiam o desenvolvimento da própria produção e os fenômenos que ela engendra (LEONTIEV, 1978, p. 2).

Ao balizarmos a evolução do ser humano em Leontiev (1978), observamos também a evolução das condições de produção e podemos constatar o que Lukács (2009) anunciou sobre o paralelo de desenvolvimento da produção em função da necessidade de desenvolvimento humano e da pessoa humana em função das alterações necessárias para o aumento da produção.

Por conseguinte, Leontiev (1978) nos traz uma reflexão que vai ao encontro com Lukács (2009), por destacar a importância do trabalho e da evolução humana, evidenciando que “Esta forma particular de fixação e de transmissão às gerações seguintes das aquisições da evolução deve o seu aparecimento ao fato [...] de os homens terem uma atividade criadora e produtiva. É antes de mais o caso da atividade humana fundamental: o trabalho” (LEONTIEV, 1978, p. 3). Assim, podemos perceber a importância do trabalho enquanto atividade fundamental a vida humana a qual é de grande relevância, porque:

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte (LEONTIEV, 1978, p. 3).

Observa-se que a capacidade de adaptação e o potencial de modificação da natureza agem no sentido de satisfazer as necessidades humanas como salientado por Lukács (2009). Logo, as necessidades cotidianas acabam por impelir um desenvolvimento cada dia mais aperfeiçoado de objetos e de bens de uso diário, como também dos mecanismos que produzem estes artefatos.

Neste cenário, podemos refletir, como ressalta Leontiev (1978, p. 3), que “Ao mesmo tempo, no decurso da atividade dos homens, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer cristalizam-se de certa maneira nos seus produtos (materiais, intelectuais, ideais)”. Sendo assim, podemos perceber o saber empregado nos bens e criações, por meio do aperfeiçoamento das técnicas diversas, que desenvolve tanto aptidões motoras, como a “fonética das línguas”, uma vez que:

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. Com efeito, mesmo a aptidão para usar a linguagem articulada só se forma, em cada geração, pela aprendizagem da língua. O mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber. Está fora de questão que a experiência individual de um homem, por mais rica que seja, baste para produzir a formação de um pensamento lógico ou matemático abstrato e sistemas conceituais correspondentes. Seria preciso não uma vida, mas mil. De fato, o mesmo pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes. (LEONTIEV, 1978, p. 3).

Ao vislumbrar o processo de aprendizagem de uma geração, podemos perceber o ânimo que esta tem enquanto força propulsora para o conhecimento das próximas gerações, observando que inclusive o desenvolvimento e aprendizagem da língua se dá neste processo. Evidencia-se, inclusive, como Leontiev (2009) ressalta que a experiência individual não causa todo este processo, mas sim o conhecimento de uma geração inteira. Para o referido autor, os indivíduos têm a sua disposição muita riqueza, pois como os seres humanos são criadores, acabam por acumular uma gama de conhecimentos diversos e de objetos que foram sendo aperfeiçoados durante muitas gerações, o que mostra um desenvolvimento gigante para a humanidade (LEONTIEV, 1978, p. 4).

Em suma, Leontiev (1978) salienta que “[...] a experiência sócio-histórica da humanidade se acumula sob a forma de fenômeno do mundo exterior objetivo. Este mundo, o da indústria, das ciências e da arte, é a expressão da história verdadeira da natureza humana; é o saldo da sua transformação histórica” (LEONTIEV, 1978, p. 4).

Na sequência, discutiremos sobre o surgimento da educação, a partir de Leontiev (1978) e Marsiglia e Martins (2018), para então refletirmos sobre a origem da educação escolar e suas implicações da função docente.

O surgimento da educação

Passamos a refletir, neste tópico, alguns aspectos sobre a criança e como ela se relaciona com o conhecimento que recebe do mundo, utilizando como intermédio das relações entre as pessoas humanas e “a comunicação” como destacado por Leontiev (1978): “A comunicação, quer está se efetue sob a sua forma exterior, inicial, de atividade em comum, quer sob a forma de comunicação verbal ou mesmo apenas mental, é a condição necessária e específica do desenvolvimento do homem na sociedade” (LEONTIEV, 1978, p. 6).

Pensar neste processo de aprendizagem nos remete aos primeiros passos da educação (não de modo formal), conjecturando como este processo ocorre como salientado por Leontiev (1978), utilizando a comunicação com outros seres humanos, para apreender o mundo, sendo pelo autor reconhecido este processo “pela função”, como um “processo de educação” (LEONTIEV, 1978, p. 6-7). Assim o referido autor afirma:

É evidente que a educação pode ter e tem efetivamente formas muito diversas. Na origem, nas primeiras etapas do desenvolvimento da sociedade humana, como nas crianças mais pequenas, é uma simples imitação dos atos do meio, que se opera sob o seu controle e com a sua intervenção; depois complica-se e especializa-se, tomando formas de formação superior e até a formação autodidata. (LEONTIEV, 1978, p. 7).

Podemos, nesse momento, pensar sobre o surgimento da educação como uma necessidade de passar de geração para geração conhecimentos construídos através do tempo, ou seja, uma potencialização do conhecimento, transferindo todo conhecimento acumulado para a geração seguinte.

Marsiglia e Martins (2018), que também analisam a importância da educação na formação e desenvolvimento do ser humano, ressaltam sobre a relevância do trabalho como base fundamental para este desenvolvimento, tendo em vista que:

A educação é um fenômeno próprio dos seres humanos. Isso porque tomamos como premissa que a atividade vital humana é o trabalho, que se explica pela relação de transformação da natureza pelos seres humanos. Assim, o trabalho, em sua acepção ontológica, forma o ser humano, por meio das mediações instituídas a cada novo ser

da espécie por aqueles que já constituem o conjunto da humanidade. Ora, humanizar o ser humano é, pois, um processo educativo (SAVIANI, 2007b). Entretanto, se a origem da educação coincide com a própria origem humana, a existência histórica de proprietários e não-proprietários cria uma cisão, desde a Antiguidade, entre educação e trabalho. (MARSIGLIA; MARTINS, 2018, 1698-1699).

Assim, as autoras corroboram com os demais autores citados até o momento e destaca uma ligação relevante entre o trabalho e o surgimento da educação, o que nos leva a refletir sobre o papel que a educação está desempenhando atualmente em nossa sociedade e sobre a função social do docente enquanto mediador da comunicação entre os seres humanos para a perpetuação dos diversos conhecimentos da sociedade de geração para geração.

A origem da educação escolar e suas implicações da função docente

Adiante, também podemos iniciar reflexões sobre o surgimento da educação escolar sistematizada, observando que “A origem da educação escolar expressa, portanto, a contradição entre a humanização necessária de todos os indivíduos e a possibilidade de acesso aos conteúdos requeridos a ela, fundamentalmente voltados aos membros de uma só classe, aquela dos homens livres” (MARSIGLIA; MARTINS, 2018, 1698-1699).

Esta reflexão se faz necessária primeiramente para a compreensão de que quando a educação escolar inicia seus trabalhos, ela servia aos interesses daqueles privilegiados, separando assim o conhecimento que os indivíduos trabalhadores e escravizados detinham do conhecimento dos indivíduos mais abastado e livres. Logo, a educação escolar, nesta perspectiva, acaba por ressaltar as desigualdades sociais.

Neste sentido, Saviani (2007) afirma a ocorrência de uma separação entre trabalho e educação, como destacado na fala a seguir “[...] constatado o estreito vínculo ontológico-histórico próprio da relação entre trabalho e educação, impõe-se reconhecer e buscar compreender como se produziu, historicamente, a separação entre trabalho e educação” (SAVIANI, 2007, p.152).

Assim, é necessário entender como se deu esse processo de separação entre o trabalho e a educação, para então pensar como o docente constrói sua identidade e as funções as quais são delegadas a ele, neste sentido Saviani (2007) salienta:

Constatamos, portanto, que o impacto da Revolução Industrial pôs em questão a separação entre instrução e trabalho produtivo, forçando a escola a ligar-se, de alguma maneira, ao mundo da produção. No entanto, a educação que a burguesia concebeu e realizou sobre a base do ensino primário comum não passou, nas suas formas mais

avançadas, da divisão dos homens em dois grandes campos: aquele das profissões manuais para as quais se requeria uma formação prática limitada à execução de tarefas mais ou menos delimitadas, dispensando-se o domínio dos respectivos fundamentos teóricos; e aquele das profissões intelectuais para as quais se requeria domínio teórico amplo a fim de preparar as elites e representantes da classe dirigente para atuar nos diferentes setores da sociedade. (SAVIANI, 2007, p. 159).

Como acima destacado, podemos observar que no momento em que a escola se liga “ao mundo da produção”, ocorre a separação entre trabalho e a educação, pois a educação oferecida aos detentores da mão de obra bruta, não “deveria ser” a mesma que os futuros intelectuais recebiam, pois para os últimos a educação deveria ter um aspecto teórico maior, enquanto que para os primeiros era somente necessário que tivessem acesso a um currículo que os ajudasse na produção fabril.

Nesse contexto, a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização. Nesse sentido, educação, longe de ser instrumento de superação a marginalidade, converte-se num fator de marginalização, já que sua forma específica de reproduzir a marginalidade social é a produção da marginalidade cultural e, especificamente, escolar (SAVIANI, 2012, p. 4-5).

Percebemos que ao ocorrer a separação quanto ao tipo de educação, era fornecida, a estes dois grupos de indivíduos, enquanto um detentor do poder, o outro era detentor da mão de obra. Tal fato ocorre que a educação escolar acaba por negar os conhecimentos filosóficos e artísticos a classe trabalhadora, relegando a estes a margem desta educação, o que os impede de vislumbrar uma ascensão social e intelectual.

Podemos refletir, a partir da fala de Saviani (2012), que a marginalização, alvo de tantas críticas em nossa sociedade, por causar discriminações diversas, tem um espaço privilegiado dentro da educação escolar, pois ao contrário do que se espera, que a educação consiga superar este domínio, a mesma acaba por difundir uma marginalidade cultural, corroborando assim para o avanço da marginalidade social. Nesse sentido, Rossi et al. (2020, p. 140-142) destacam que “As teorias pedagógicas dominantes, mesmo que possuam um “verniz” de democracia e sofisticação, na prática real, acabam por contribuir com o esvaziamento dos currículos e a descaracterização do papel dos professores na atividade de ensino”.

Observando tais ideias, podemos refletir sobre o que vem ocorrendo nas escolas de maneira mais comum, que é uma super valorização do que é corriqueiro e faz parte do cotidiano do estudante, porém nesse movimento há um empobrecimento dos currículos e dos conteúdos. Isso não significa, contudo, que tudo o que o aluno sabe não tem valor, porém a função social do professor só é cumprida quando ele consegue dar ao aluno acesso a conhecimentos diversos, os quais a classe privilegiada também tem acesso, para que este, em posse destes conhecimentos, possa romper as barreiras sociais que o deixa à margem da sociedade. Para Rossi et al. (2020), é importante considerar que:

[...] a defesa da educação escolar, de um ponto de vista humano-genérico, precisa contribuir de todas as formas (na teoria e na prática) para a socialização de conhecimentos científicos verdadeiros, grandes conhecimentos estéticos e autênticas reflexões filosóficas. Sem este esforço, o único horizonte a ser delineado continuará a ser o relativismo irracional e fenomênico do pós-modernismo (ROSSI et al., 2020, p.153).

Nessa perspectiva, percebemos que pensar a educação escolar é também conjecturar que ela deve contribuir para que conhecimento profundos e científicos cheguem aos diversos estudantes, para que estes tenham acesso a conhecimentos que de outro modo seria negado aqueles marginalizados em nossa sociedade.

Assim, pensar na função do professor é necessário, na atualidade, para refletir não somente sobre o que o currículo dita como conteúdo relevante ao estudante, mas ainda entender o ato político desta escolha, para que não falhemos em dar ferramentas ao estudante para romper a marginalização imposta a ele, e não esvaziarmos seu aprendizado de sentido e força de transformação.

Considerações finais

A partir desta breve reflexão realizada, foi possível refletir sobre a origem do trabalho, como algo necessário para a manutenção da vida humana, pois a sua existência foi necessária para assegurar o desenvolvimento da sociedade. Ademais, foi por meio do empenho para satisfazer as demandas e necessidades humanas, que foram criadas diversas estratégias e bens materiais para o aperfeiçoamento da técnica de trabalho, desenvolvendo assim o próprio trabalho em sua origem.

Em decorrência deste aperfeiçoamento, e da necessidade de passar para as gerações seguintes o conhecimento acumulado, se originou a educação, com o papel de transferir às

gerações seguinte os conhecimentos reunidos por milênios. Neste sentido, também se deu a educação escolar, porém a mesma, ao promover a separação entre trabalho e educação, esvaziou seus currículos e disseminou a marginalização dentro do âmbito escolar.

Assim, esta educação também mascarou o papel docente que se perdeu dentre os processos didáticos de ensino, que se concentra majoritariamente nas técnicas educativas e deixa a desejar no correspondente a riqueza de currículo. Logo, o professor tomado por técnicas, não transmite aos seus alunos uma educação que sirva de ferramenta para romper a barreira política que marginaliza os menos privilegiados. Ou seja, evidencia-se que, na atualidade, devido as preocupações didáticas impostas aos docentes, eles não têm conseguido transmitir o máximo de conhecimento possível ao aluno, sendo que os mesmos se perdem em meio a organização atual da educação e currículos vazios.

Referências

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LEONTIEV, Alexis. **O homem e a Cultura**. In: LEONTIEV, Alexis. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Horizonte, 1978, p. 261-284. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=10315>. Acesso em: 13 de abril de 2021
- LUKÁCS, Georg. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividades do Homem**. 2009. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/bases_ontologicas_pensamento_atividade_homem_lukacs.pdf. Acesso em: 22 de março de 2021.
- MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; MARTINS, Lígia Márcia. A natureza contraditória da educação escolar: tensão histórica entre humanização e alienação. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 4, p. 1697-1710, out./dez., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.unesp.v13.n4.out/dez.2018.10265>. Acesso em: 20 de abril de 2021.
- ROSSI, Rafael; ROSSI, Aline Cristina Santana; ASSUMPÇÃO, Mariana de Cássia. A objetividade da ciência, a grande arte e a filosofia na educação escolar. 2020. **InterMeio**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.26, ns.51 e 52, p.140-158, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/intm/article/view/12593>. Acesso em: 08 de junho de 2021.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 de junho de 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores associados, ed. 42, 2012.